

ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA: PAULO SETÚBAL

Zília Mara Pastorello Scarpari*

O centenário de nascimento do maior vulto de nosso Modernismo, Mário de Andrade (1893-1945), ofusca certamente o de um autor *menor*, que também figurou no cenário daquele movimento: Paulo Setúbal (1893-1937).

Relegado nos dias de hoje ao ostracismo - a crítica e a historiografia literária dispensam ao autor, quando muito, breve referência à sua atuação no chamado “ciclo paulista”¹ ou ao gênero “meio popular meio culto” que ele assina junto com outros “caboclos” como Cornélio Pires e Catulo da Paixão Cearense² -, Paulo Setúbal interessa aqui não pelos seus versos sertanejos reunidos em *Alma Cabocla* (1920). São versos que revelam, sem dúvida, uma procura consciente de brasilidade, como queria o Modernismo, mas que recendem a romantismo tardio, num momento dominado por experimentalismos estéticos. Também não interessa agora o Paulo Setúbal de *Confiteor*, memórias registradas no período de outubro a dezembro de 1936, que a tuberculose e a morte prematura vieram interromper - embora se constituam em raro documento para se rastrear a trajetória e o perfil deste paulista ingênuo de Tatuí, grande advogado e orador, patriota e moralista, filho devoto

* Professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria.

¹ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. vol. IV, p. 299.

² BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989. p. 376.

e pecador contrito, que o apresentador da obra comparou inadvertidamente a Santo Agostinho.³

Sem ser um brilhante contador de estórias, como seu conterrâneo Monteiro Lobato, Paulo Setúbal se afirma, entretanto, como um popular contador de casos da História do Brasil, situando-se no território impreciso entre a verdade e a ficção, o discurso poético e o factual, a literatura e a paraliteratura. Tentando uma classificação de sua própria obra, ele a divide em romances, contos, crônicas, “episódios históricos”, ensaios. Mas a fantasia, “ao ter que voar em socorro da História”⁴, confere a todas as suas páginas um caráter ficcional:

*Novela? Não. Este livro é apenas crônica. Variados historiadores, desde Pedro Taques até, notadamente, o sr. Washington Luís, já se ocuparam com erudição da matéria. Mas isso não impede que eu, a meu modo, tratasse do velho assunto. O ouro de Cuiabá, tal como ò entrego ao público, sem fantasia nem enredo, é, tão-somente, uma página verdadeira, sim, mas encarada com olhos de romancista. (...)*⁵

Tal ficcionalização da História é que justifica o tributo a Paulo Setúbal. Este fator, por outro lado, assegura-lhe o vínculo à corrente nacionalista do Modernismo que produziu o movimento Verde-amarelo (1926), o da Anta (1927) e o da Bandeira (1936). A propósito, referindo-se a *O príncipe de Nassau*, o autor declara que “*pelo lado patriótico, este romance é fundamentalmente verde-amarelo.*”⁶ O testemunho identifica-o, assim, com uma ideologia conservadora que não se inscreve no primitivismo antropofágico oswaldiano, mas na linha de Cassiano Ricardo ou Menotti del Picchia.

Sem a pesquisa estética de Oswald ou Mário de Andrade, mas também à procura de raízes nacionais, Paulo Setúbal elege, como eles, a temática do Brasil colônia. Daí sua incursão pela invasão holandesa⁷, sua passagem pelo Brasil imperial⁸, mas, sobretudo, como bom paulis-

³ P. Leonel Franca S.J., autor do prefácio a *Confiteor*. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 1958.

⁴ Prefácio a *A bandeira de Fernão Dias* (1927).

⁵ Prefácio a *O ouro de Cuiabá* (1932).

⁶ Prefácio ao mesmo romance (1926).

⁷ *O príncipe de Nassau* (1926) - romance.

⁸ *A marquesa dos Santos* (1925) - romance

ta, sua preferência pelo Brasil dos bandeirantes.⁹

O autor não esconde a preocupação didática e moralizante de seus livros:

*Torna-se pois necessário, como obra educativa, cultural, patriótica, levar a essa multidão, tanto quanto possível, um pouco dessa nossa bela e comovedora História do Brasil que só raros iniciados têm a fortuna de conhecer. (...)*¹⁰

Sequer dissimula a consciência de que professa uma “literatura de massa”:

*O príncipe de Nassau, assim como o tracei, não tem outro intuito senão o de pôr ao alcance de toda gente, com a amenidade de que fui capaz, um período quase selvagem, mas interessantíssimo, que há muito já se foi. Serviu-me de tema o Brasil Holandês. Não os trinta longos anos de guerra, que seriam incabíveis num romance leve. (...)*¹¹

Entretanto, as “amenidades de romance leve” fundamentam-se em pesquisa séria e criteriosa, como fica patenteado na bibliografia arrolada, nas notas de rodapé ou reiterado em quase todos os seus prefácios:

Críticos de trabalhos meus anteriores, notadamente o Sr. Aggripino Grieco, censuram-me o colocar, no fim das páginas, a citação das passagens onde apanhei a anedota ou o fato curioso. Acham que

As maluquices do imperador (1926) - contos
Nos bastidores da História (1928) - contos
⁹ *A bandeira de Fernão Dias* (1929) - romance
Os irmãos Leme (1932) - romance
O ouro de Cuiabá (1932) - crônicas
El Dorado (1934) - crônicas
O sonho das esmeraldas (1934) - crônicas
O romance do Prata (1934) - crônicas
Ensaios históricos-publicação póstuma.

¹⁰ Prefácio a *El Dorado*.

¹¹ Prefácio a *O príncipe de Nassau*.

Sua obra completa foi editada pela Saraiva, São Paulo. A Companhia Editora Nacional promete relançá-la este ano.

isto afeta o texto. É “mostrar os andaimes do edifício”. Não fiz desta vez citação alguma. Mas, é bom que o leitor saiba, desde agora, não haver eu inventado a substância de nenhuma das histórias que aí vão. Catei-as em vários autores. Uns já embolorados, outros de uso corrente. Serviram-me de fontes, entre outros:

Melo Moraes, pai (“Crônica geral”, “História das Constituições”, “Brasil Histórico”), H. Raffard (“Pessoas e Coisas do Brasil”), A. Augusto de Aguiar (“Vida do Marquês de Barbacena”), Francisco Gomes da Silva (“Memórias Oferecidas à Nação Brasileira”), Vasconcellos Drummond (“Memórias”), D. Vieira (“Memórias Históricas”), A. Rangel (“Textos e Contextos”), Alberto Pimentel (“A Corte de D. Pedro IV”), Loureiro (“Cartas do Brasil”) etc.¹²

As passagens indicam que o romancista peca talvez pela excessiva fidelidade documental, zelo que quase reduziu sua ficção a um elemento acessório, com a função de confirmar e ilustrar o já-dito pela História Oficial. Ignorou Paulo Setúbal que a literatura se apresenta como “possível sensômetro psicossocial no resgate de elementos dos subterrâneos da História”, no dizer de Francisco Moraes Paes.¹³ Nós, leitores de romances, incorreríamos em grave erro se estivéssemos apenas preocupados em buscar na fonte literária a informação “real”, concreta, o que redundaria no empobrecimento da obra. Documentando o imaginário mesmo de uma sociedade, a literatura diz muito além do elemento puramente factual.

Apesar deste reducionismo de ordem ficcional, são inegáveis as qualidades de narrador encontradas no texto de Paulo Setúbal. A História serve-lhe de ancoragem a uma prosa vigorosa, dinâmica, cromática, que mescla habilmente à narrativa dos fatos - desvelados sem pressa - a descrição minuciosa mas atomizada, jamais em bloco, das personagens e do espaço, elementos imprescindíveis para a reconstituição de um mundo verossímil e para a tecitura de um texto sedutor.

¹² Prefácio a *As maluquices do imperador*.

¹³ *A Crônica na História*. Curitiba, 1993, p.29. No prelo.

Pontilha a narração o elemento dramático, o diálogo rápido, inteligente, construído com detalhes documentais pertinentes, que jamais escorregam no artificialismo, risco perigoso neste tipo de relato.

Popularíssimo até os anos cinqüenta (conforme testemunham as inúmeras edições de suas obras completas, seus editores - que o apresentam como "o autor mais lido do Brasil" - e o próprio autor¹⁴), Paulo Setúbal foi no entanto esquecido, seja pela crítica literária acadêmica - que não mais se ocupou de "amenidades literárias", seja pelos historiadores, voltados até bem pouco tempo para uma pesquisa de orientação estrutural.

De fato, pode ser relativo o valor literário de Paulo Setúbal. Afinal, com certeza, não inovou na técnica do romance, que permanece tradicional. Pode ser acusado de ter professado uma arte "útil", votado em educar a juventude de modo tão explícito e procedendo apenas a uma paráfrase da História Oficial... Mas, ao assistirmos hoje a uma revitalização da narrativa, tanto no que diz respeito aos romances mais recentemente publicados - muitos deles inspirados em registros históricos¹⁵ -, quanto no tocante à incursão das técnicas literárias nos métodos da investigação histórica¹⁶, temos a possibilidade de rever posições. Nessa linha, Daniel Defert, comentando o movimento editorial francês, refere-se à nova motivação do público leitor - cansado da sisudez dos textos acadêmicos - pelos relatos de viagens; na Alemanha, Jürgen Kocka testemunha, no início da década de 1980, a encomenda de "contos históricos" feita por representantes do *Frankfurter Allgemeine Zeitung* a diversos historiadores¹⁷. Diante das múltiplas perspectivas de compreensão da História e deste *renouveau* da arte de contar, talvez seja o caso de revisitar a prosa prazerosa de Paulo Setúbal.

¹⁴ "Cerca de vinte mil leitores, no curto espaço de três semanas, compraram os meus dois últimos livros - O ouro de Cuiabá e Os irmãos Leme." Prefácio a *El-Dorado*, de 1934.

¹⁵ *Quarup*, de Antonio Callado; *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro; *Agosto*, de Rubem Fonseca.

¹⁶ *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg; *Senhores e caçadores*, de E. Thompson; *O retorno de Martin Guerre*, de Natalie Davis.

¹⁷ DEFERT, Daniel. Colônias perdidas, mundos a descobrir. In: DUBY, George et alii. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1986, p. 65-71. KOCKA, Jürgen. Um retorno à narração. *Geschichte und gesellschaft*, 10 (3): 359-408. Referidos por MORAES PAES, F. Op. cit. p. 5.